

PROF. DR. JOÃO DA SILVA CORREIA

Hernani Cidade

Fulminou-o a morte aos 46 anos, quando ainda as promessas dos seus talentos, garantidas pela sua devoção pela ciência que professava, largamente excediam o muito que já nos tinha dado.

Serenada em todos, a esta distância de alguns meses, a emoção de dor, de espanto, de absurdo protesto em que nos estremeceu a alma a notícia consternadora, é já possível, de olhos nítidos e juízo lúcido, evocar em sua verídica fisionomia moral, em sua exata estatura mental, o companheiro brutalmente arrebatado à nossa obra, o querido amigo de que ficou privada a nossa convivência.

A este mais adequado ângulo de observação, mantém-se inalterável a primeira imagem do homem e do professor. Continua viva a impressão, a todos tão grata, da espontânea e delicadíssima afabilidade do seu trato, a mais de um de nós reviverá episódios da sua desassombrada e galharda lealdade, das riquezas da sua alma, sempre aberta à generosidade e forte para a dedicação.

Ninguém mais gostosamente exercia a bondade sem medida, que é a virtude dos corações perdulários dos próprios tesouros.

Poucos o igualavam no prazer da admiração e da estima. Já repararam que não publicou um único trabalho sem dedicatória encomiástica? Como se enganaria quem nisso visse mais do que o alargamento ao convívio intelectual dos hábitos da calorosa afetividade que usava nas relações sociais! Quantos não terão recebido, como reconhecimento de valores próprios, o que afinal não passava de oferta fácil da sua benevolência ilimitada – e tão otimista!

Severidades, exigência de modéstia que chegava a ser humildade, só as tinha para consigo. Todos lembram a maneira como uma vez sem hesitação se puniu em público de um erro que era um simples lapso de atenção.¹

¹ O Dr. Arlindo Monteiro chama-me a atenção para o comovido artigo que, por ocasião da morte de João Correia, publicou no *Notícias de Guimarães*, de 13-VI-1937, o Sr. P. Domingos José da Costa Araújo, recordando a *Tribuna Livre – Humildade Intelectual*, que, no melhor espírito e justiça, o Sr. Alfredo Pimenta consagrou ao filólogo.

E grande como o seu coração, era a riqueza do seu espírito, como pouco maleável, penetrante, em irrequieto anseio de atividade permanente. Sem redução nas tarefas livremente assumidas pelos cuidados do estudioso, multiplicaram-se-lhe, por virtude da confiança que a sua excepcional competência a todos merecia, as de caráter oficial, a última das quais foi a vice-reitoria da Universidade. A todas se dava sem repouso e, mesmo quando delas mais parecia distraído, por elas vivia na incessante e mal adivinhada efervescência interior que lhe apressou a morte.

Quando, em 1930, preparávamos o nosso concurso para a Faculdade de Letras, onde viríamos a estreitar uma camaradagem que sempre me será inesquecível, sabendo-me em Lisboa, João Correia procurou-me para me dizer: - Alegra-me que V. venha ao concurso. V. tem-se dedicado à literatura moderna; o Rodrigues Lapa consagra-se sobretudo à literatura medieval; eu tenho a preferência dos estudos linguísticos. Uma vez todos três no desempenho das nossas funções, cada um procurará realizar a obra que seja o indispensável complemento da dos colegas, e a Faculdade ganhará com tal divisão de trabalho. Alegra-me que V, concorra!

Não precisarei de dizer da gratíssima perspectiva de afetuosa camaradagem e útil colaboração docente que logo me descerraram estas palavras. A perspectiva realizou-se – e todos sabem com que magnífica plenitude, da sua parte.

Liberto das cadeiras que menos o interessavam, abandonada mesmo a de pedagogia e didática na Escola Normal Primária, ei-lo concentrando, multiplicando-a, toda a sua atividade de investigador e crítico nos problemas linguísticos.

Naturalmente, não foi inútil à esplêndida fecundidade dos seus trabalhos filológicos a complexa preparação a que o obrigou o meio enciclopedismo do professor em Portugal. Ele inaugurou entre nós estudos linguísticos de aspectos quase desconhecidos. O sábio Dr. Leite Vasconcelos teve assim, na obra deste seu discípulo como poucos bem amado, o necessário complemento das suas valiosíssimas investigações linguísticas e folclóricas. João Correia foi simultaneamente linguísta e folclorista; e porque era ao mesmo tempo dotado de agudo espírito de observação e de fina impressionabilidade estética, sobretudo se interessou pelo que nas expressões populares ou cultas melhor pudesse revelar os jogos subtis da inteligência e da imaginação, os delicados estremecimentos da sensibilidade, suscitados por esta maravilhosa criação do espírito que é a palavra. A palavra como *criação do espírito*, a palavra como órgão da inteligência individual ou colectiva, e, ainda mais do que a *palavra*,

a frase, enquanto reveladora daquelas atividades desinteressadas por que o homem melhor se define – eis o que sobremaneira o interessava. É isto que constitui o objeto dos seus estudos, minuciosos até a exaustão. E são eles o que de melhor poderemos apresentar como contribuição portuguesa para a ciência filológica tal como a compreendem e realizam os contemporâneos Spitzer, Hatzfeld, Vossler, entre outros. Como os deles, incidiram os estudos do jovem filólogo naquela zona em que a lingüística quase se confunde com a poesia e a psicologia – e raros eram como ele simultaneamente dotados para sentir aquela e observar esta.

A morte fulminou-o quase em plena atividade. Foi na recolha de notas para a conferência acerca de Gil Vicente, por ele prometida à Academia das Ciências de Lisboa, que os seus nervos, já fatigados de tanta tarefa e responsabilidades acumuladas, romperam o equilíbrio, que não mais se refez. Quando veio o grande *Apaziguadora*, as únicas energias que encontrou vivas todas para ela convergiam num angustioso apelo. Na absorvente preocupação da morte, na certeza dramática da sua vinda breve, a trancar brutalmente um destino de magníficas promessas, viveu ele quase todo o tempo da doença. Pela primeira vez se ocupou de si próprio! Infelizmente, quando só podia dar como espetáculo à lucidez crudelissimamente aguda da sua inteligência a fatal decomposição do próprio ser.

Transcrito da revista *Petrus Nonius*, Vol. I, Fasc.3, publicada pelo Grupo Português da História das Ciências, Lisboa, 1937.